

LINGUÍSTICA TEXTUAL – HISTÓRIA, DELIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS¹

Leonor Lopes Fávero²

Resumo: O objetivo deste trabalho é o de apresentar um panorama dos primeiros momentos da Linguística Textual na Europa e os três primeiros trabalhos na área publicados no Brasil. Essas obras, resultado de cuidadosas pesquisas, visam a pôr em evidência os inúmeros problemas provenientes da conceituação de texto, suas propriedades, os momentos fundamentais da passagem da teoria da frase à teoria do texto, as causas do surgimento desta última e a descrição de alguns modelos propostos. Parte dos pressupostos da História das Ideias, parte da História Cultural cujo principal objeto é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada à luz (CHARTIER, 1990).

Palavras-chave: Linguística textual. História das ideias linguísticas. Texto.

Abstract: The aim of this paper is to present an overview of the first moments of Textual Linguistics in Europe and the first three works published in Brazil. The latter, the result of careful research, aim to highlight the numerous problems arising from the conceptualization of text, its properties, the fundamental moments of the passage from sentence theory to text theory, the causes of the emergence of the latter and description of some models. proposed. Part of the assumptions of the History of Ideas, part of the Cultural History whose main object is to identify the way. In different places and moments, a particular social reality is constructed, thought, given birth (CHARTIER, 1990).

Keywords: Textual linguistics. History of linguistic ideas. Text.

Considerações iniciais

O trabalho examina os primeiros momentos da Linguística Textual, suas delimitações e perspectivas, sem pretender alcançar a exaustividade, pois essa é uma das dificuldades com as quais o pesquisador sempre se depara. Quanto mais o inventário aumenta, mais esfumada a noção de exaustividade, ou melhor, “mais seu caráter ilusório e ideológico se afirma” (DELESALLE; CHEVALIER, 1986, p. 13). Ao pesquisador cabe recolher *os fios* que constituem esse saber, identificá-los, esticá-los para atá-los às diferentes áreas. Depois disso esses fios devem ser estendidos

[...] para trás no tempo, a fim de determinar *as origens* do evento e, para a frente no tempo, a fim de determinar seu *impacto e influência* sobre os eventos subsequentes. Essa operação termina no ponto em que *os fios* desaparecem *no contexto* de algum

¹ Versão resumida deste texto foi publicada sob o título *Primórdios da Linguística Textual no Brasil* na obra *Texto, contexto e discurso*, organizada por Storto, Nakayama e Burgo (2014).

² Universidade de São Paulo; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP Brasil. lplfaver@uol.com.br

outro evento ou convergem para provocar a ocorrência de algum novo evento.
(WHITE, 1992, p. 33)

A pesquisa parte dos pressupostos da História das Ideias, parte da História Cultural cujo principal objeto é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada à luz (CHARTIER, 1990), concordando com Braudel (1989, p.35), para quem “não há civilização atual que seja verdadeiramente compreensível sem um conhecimento de itinerários já percorridos, de valores antigos, de experiências vividas”.

O ato de saber possui um horizonte de retrospectão e um de projeção (AUROUX, 1989) e esse saber não destrói seu passado; ao contrário, ele o organiza e o escolhe, do mesmo modo que antecipa seu futuro, pois como diz o mesmo Auroux (id., p. 14): “sans mémoire et sans projet, il n’y a tout simplement pas de savoir”.

A Linguística Textual na Europa

As fontes de que vou me servir são o livro de Wolfgang Dressler, publicado em alemão em 1972, com o título *Einführung in die Textlinguistik* em tradução italiana, *Introduzione alla linguistica del testo*, (1974) e o livro *La linguística textuale*, organizado por Maria Elisabeth Conte e publicado em 1977.

A Linguística Textual se desenvolveu especialmente na Alemanha (federal e democrática), na década de 70 do século passado; houve um verdadeiro “boom”. Os principais centros foram Munster, Colônia, Berlin Oriental, Constança e Bielefeld. O impacto foi muito grande, e um levantamento bibliográfico feito, em 1973, por Dressler e Schmidt documentava quase 500 títulos, verbetes em vários dicionários e enciclopédias, como os artigos *Textlinguistik*, de Kallmeyer e Meyer-Hermann, e *Texttheorie/Pragmalinguistik*, de Schmidt, publicados no *Lexikon der Germanistischen Linguistik*, organizado por Althaus, Henne e Wiegand, publicado em 1973, além de números especiais, monográficos, de revistas, como *Replig*,¹ (1968) *Poetics*,³ (1972), *Langages*, 26 (1977).

O termo “linguística textual” aparece já em 1955, no trabalho de Cosériu, *Determinación y Entorno*, porém, no sentido que lhe é atribuído, foi empregado pela primeira vez por Weinrich, em 1967. Devido à diversidade de concepções de texto, várias são as denominações: Teoria de Texto (Schmidt), Textologia (Harweg), Teoria da Estrutura do Texto – Estrutura do Mundo (Petofi), Análise do Discurso (Harris), Translinguística (Barthes).

Dentre os pesquisadores destaco:

- Munster: Hartmann (transferiu-se depois para Constança)
Harweg: 1968, 1969, 1971, 1974 (transferiu-se depois para Bielefeld)
Alfred Koch
- Colônia: H.Weinrich: 1966, 1969,1971,1972
Elisabeth Gulich: 1970, 1972, 1974
Wolfgang Raible: 1972
(Os três transferiram-se depois para Bielefeld)
- Berlin Oriental: M. Bierwisch
Heidolf
Isenberg
E. Lang
- Constança: Janos Petofi (transferiu-se depois para Bielefeld)
H. Rieser
Siegfried Schmidt

Fora da Alemanha, pode-se citar van Dijk, em Amsterdã, e Wolfgang Dressler, em Viena.

Sua hipótese era que é que o texto e não o enunciado é o signo linguístico primário. Procuravam-se respostas a indagações como: O que é um texto? Como se constitui? Em que se distingue de um conjunto de frases? Quando pode ser considerado completo? Quais os contextos extralinguísticos, mental e social que fazem com que um texto seja dotado de sentido? Que funções têm os diferentes elementos linguísticos do texto? Como se constitui o sentido de um texto? O que é competência textual?

Como afirma Conte (1977), as causas de seu desenvolvimento foram, dentre outras, as falhas da gramática do enunciado no tratamento de fenômenos, como a correferência, a definitivização, a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a *consecutio temporum*, que só podem ser explicados em termos de texto.

Quero chamar a atenção sobre dois aspectos que marcaram essa primeira fase da Linguística Textual: a construção de gramáticas do texto e a importância dada à coerência, vista então como propriedade do texto.

Van Dijk afirma, na obra de 1972 *Some Aspects of Text Grammar*, que entre as teorias linguísticas, foi, sem dúvida, a gramática gerativo-transformacional a que melhor realizou uma teorização.

Diz ele:

A gramática textual não só está diretamente interessada nos aspectos discutidos pela gramática gerativa, pressuposição, tema/rema, mundos possíveis, etc, como também sustenta que eles não podem ser descritos adequadamente por uma gramática frasal. De qualquer forma, é na linguística gerativa que se encontra um conjunto de procedimentos metodológicos e de descrições empíricas que servirão de base sólida para se proceder à extensão da gramática frasal para uma gramática textual. (p.12)

Mas, com a introdução da pragmática (principalmente Schmidt – 1978 e van Dijk – 1972), procuram estender a gramática para a descrição e geração de sequências gramaticais de frases. As principais categorias abordadas pela pragmática eram: o emissor e o receptor, as categorias de tempo e de lugar relacionadas com a enunciação, como base para a explicação dos diferentes advérbios, tempos gramaticais, termos dêiticos, aspectos contextuais os diferentes tipos de enunciações ou atos ilocucionários, com suas condições de uso, os diferentes tipos de discurso, definidos em função dos próprios objetivos e de suas normas sócio-comunicativas vigentes etc.

Neis (1981), um dos precursores da Linguística Textual no Brasil, e de quem vou falar mais à frente, assim se expressa:

[...] se o falante pode produzir/interpretar um número infinito de discursos diferentes, sua competência é necessariamente textual. [...] Será função da gramática textual formular as regras e restrições para a concatenação das frases (ao nível de microestrutura) bem como para a organização do todo, em vista da coerência global (ao nível da macroestrutura). (p. 32)

Como já apontou Adamzik (2004, p. 1-30), a Linguística Textual esteve sempre longe de ser uma disciplina única e homogênea e apoiada em Blühdorn e Andrade (2005, p. 19), posso dizer que seu percurso histórico se caracteriza pelas seguintes linhas:

- do texto teórico, abstrato para o concreto, aplicado;
- do micro para o macrotexto;
- das forças centrípetas para as centrífugas.

Nos primeiros tempos, o objeto de estudo era o texto idealizado, criado, muitas vezes para a própria pesquisa, podendo ser caracterizado, como fazem Blühdorn e Andrade, como microtexto, pois o objetivo era descrever os princípios e as regras que subjazem à sua constituição, e a noção fundamental parece ser a de coerência, seguida da de coesão.

Isenberg, linguista alemão da Academia de Ciências de Berlim, um dos mais importantes centros de gramática gerativa da época, em seu trabalho de 1971, intitulado *Reflexões sobre a teoria do texto* (sirvo-me da tradução italiana. In: CONTE, 1977), cita treze fenômenos somente explicáveis no âmbito da estrutura textual, por exemplo, a anáfora, a seleção de artigos, a pronominalização e os elementos pro-adverbiais, a sucessão dos tempos, que podem ser considerados elementos de coesão, ao lado de diversos tipos de textualização, ou seja, relações entre os enunciados assindeticamente conjugados, por exemplo, conexão causal conexão de motivos, tematização de objetos novos, estes podendo ser considerados elementos de coerência.

Para Halliday e Hasan (1976), o que permite determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto são as relações coesivas com e entre as sentenças, que criam a textura: “um texto tem uma textura e isto é o que o distingue de um não texto. O texto é formado pela relação semântica de coesão” (p.7).

E dão como exemplo:

Wash and core six cooking apples. Put them into a fireproof dish.

É claro, dizem eles, que *them* se refere a *six cooking apples*. Essa função anafórica é que dá coesão às duas sentenças que constituem juntas um texto. Ou seja, a textura seria criada por esses itens linguísticos e pela relação de coesão que existe entre eles.

Entendem, então, a coesão como um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um texto depende da interpretação de outro e a coesão é obtida parcialmente pela gramática e parcialmente pelo léxico.

Beaugrande e Dressler (1981) consideram constituírem a coesão e a coerência níveis diferentes de análise. A coesão, manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos os vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência.

A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se ao modo como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações

subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim, a coerência é resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos. Os autores propõem sete critérios de textualidade que devem ser satisfeitos para que possa ser considerado um texto legítimo: coesão, coerência, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, intencionalidade e intertextualidade.

Porém, a partir da década de 90, houve uma reorientação das pesquisas para o texto concreto, cotidiano, não idealizado, com expressiva tendência sociocognitivista (o texto é forma de cognição textual e interacional). Trabalha-se intensamente a oralidade, a relação oral/escrito, os gêneros, na perspectiva de Bakhtin, a referenciação, a inferenciação, a polifonia e o conceito-chave, a interdiscursividade. Vai-se do micro para o macro texto, utilizando-se grandes corpora, textos elaborados por vários autores, (cibertextos), textos não lineares (hipertextos). Passa-se de uma postura centrípeta a uma centrífuga.

A Linguística Textual no Brasil

A Linguística Textual inicia-se, no Brasil, na década de 80 do século passado. O primeiro trabalho de que se tem notícia é o do Prof. Dr. Ignácio Antônio Neis, da PUCRS, intitulado *Por uma gramática textual*, publicado na revista *Letras de Hoje*, revista do curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras e do Centro de Estudos Portugueses da PUCRS, em junho de 1981, no. 44. Seguem-se, em 1983, duas obras:

Linguística de texto – o que é e como se faz, de Luiz Antônio Marcuschi, publicado pela Série Debates – Revista do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, em 1983; e

Linguística Textual – introdução, de Leonor Lopes Fávero e Ingedore Villaça Koch, publicado em São Paulo, pela Editora Cortez, em 1983.

Esses pesquisadores foram fortemente influenciados, dentre outros, pelos trabalhos de: Beaugrande & Dressler, Weinrich, Motsch & Pash, Gulich & Kotschi – Alemanha; Halliday & Hasan – Inglaterra; Charolles, Adam, Vigner, Combettes – França; Van Dijk – Holanda; Brown & Yule, Chafe, Givón, Minsky, Johnson-Laird – Estados Unidos.

São apresentados, agora, sucintamente, os primeiros trabalhos publicados sobre o tema.

Por uma gramática textual – Ignácio Antônio Neis

O artigo objetiva dar uma visão de conjunto quanto ao surgimento e ao objeto da gramática textual. Divide-se em quatro partes mais uma introdução em que diz ser de grande

interesse a hipótese de que “a comunicação linguística se efetua, não com frases sucessivas, mas com textos, e em qualquer texto, encontram-se elementos essenciais, ausentes ou inexplicáveis dentro das frases tomadas isoladamente”.

E continua:

Constatando a existência de relações específicas interfrasais e a possibilidade de se definir um texto como um todo coerente, um grande número de lingüistas modernos europeus desde a década de 60, passaram a formular hipóteses e a estabelecer princípios de novos modelos de descrição lingüística que ultrapassem o âmbito da frase; e procuraram elaborar gramáticas que dêem conta dos problemas de coerência textual e que sejam adequadas tanto para caracterizar os diversos aspectos dos diferentes tipos de textos quanto para engendrar modelos de produção de textos bem formados, de acordo com determinada língua. (p. 21).

Na sequência, faz, primeiramente, uma menção a pesquisas anteriores sobre problemas do discurso e da narrativa, e um apanhado da evolução da linguística que possibilitou chegar-se à gramática de texto; a seguir, uma apresentação sistematizada das motivações que levaram os linguistas a se debruçarem sobre problemas específicos do texto; e, enfim, uma exposição sobre os elementos fundamentais que constituem o objeto da gramática do texto.

Na última parte do seu trabalho, apresenta **os elementos fundamentais de uma gramática de texto**, afirmando que “a noção fundamental da gramática textual parece ser a de coerência”.

Neis não faz distinção entre coesão e coerência, denominando-as de coerência microestrutural e coerência macroestrutural, respectivamente. Esta não distinção entre coesão e coerência é adotada, à época, por muitos linguistas, como Isenberg, de quem já falei.

Linguística de texto – o que é e como se faz: Luiz Antônio Marcuschi

Em 1983, convidei o Prof. Marcuschi, por sugestão de Madre Olívia, para pronunciar uma conferência na PUCSP no IV Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa do Instituto de Pesquisas Linguísticas, destinado principalmente a professores do ensino de primeiro e segundo graus e alunos de pós-graduação, que realizávamos a cada dois anos e ele apresentou o texto do qual fez depois uma cópia simples na UFPE (disse-me certa vez que se arrependera, pois deveria tê-lo publicado logo por uma editora conceituada). Não preciso dizer que Marcuschi, com seu carisma e competência, fez o maior sucesso. Ultrapassou em muito o tempo da conferência, as pessoas exigiram, tivemos de arrumar uma outra sala para que ele continuasse até o fim.

Inicia o texto, afirmando que a Linguística Textual “dispõe de um dogma de fé: o texto – unidade linguisticamente superior à frase – e uma certeza: a gramática de frase não dá conta do texto” (p. 16).

Diz que, procurando evitar discussões teóricas, concentrar-se-á nos tópicos:

- 1 – análise de algumas definições de texto;
2. definição provisória da Linguística Textual e seus focos de atenção;
3. análise de alguns aspectos teóricos em função de sua aplicabilidade

Afirma:

Todos nós sabemos, **intuitivamente**, distinguir entre um texto e um não-texto. Também sabemos que a produção lingüística geralmente se dá em textos e não em palavras isoladas. (...) apesar desta noção intuitiva de texto, não saberíamos definir intuitivamente o que é que faz de uma seqüência lingüística um texto. (p. 4)

Dentro de duas alternativas básicas para defini-lo – partindo de critérios internos ao texto ou de critérios temáticos ou transcendentais ao sistema – apresenta a seguir várias alternativas, trazendo concepções de diferentes autores, como:

- alternativa 1: Harris (1952), Harweg (1968), Bellert (1970), Weinrich (1976);

- alternativa 2: Petofi (1972), van Dijk (1977, 1978), para, finalmente, chegar a sua, apoiado em Beaugrande e Dressler (1981): “o texto é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema lingüístico numa ocorrência comunicativa” (p. 30).

Partindo das concepções de texto apresentadas, propõe que se veja a Linguística Textual como o “estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais” (p. 12).

Apoia-se nas propostas de Beaugrande & Dressler (1981) , Beaugrande (1980), Harweg (1974 e 1978) e Halliday & Hasan (1976), entre outros, especialmente no que se refere à conceituação da coesão e coerência, e sem preocupação classificatória – “não podemos ir além de breves incursões em terreno tão vasto” (MARCUSCHI, 1983, p. 31) - apresenta o esquema geral provisório das categorias textuais, lembrando que com essas categorias não se esgotam os aspectos de observação do texto (usa o termo “categoria” como classe de aspectos, isto é, “as categorias propostas são de natureza funcional” p. 13) e faz um alerta importante: “as regras do texto não são as mesmas do sistema da língua [...] um texto é sempre situacionalmente condicionado, ao passo que a língua, não” (p.14). Devo ressaltar que, Marcuschi faz acréscimos a essas propostas, não as seguindo *ipsis litteris*.

Explicando que seu interesse é mais prático que teórico, pois visa, sobretudo, ao aproveitamento no ensino da língua, na perspectiva textual, traz o esquema geral e provisório das categorias textuais³:

1. fatores de contextualização: contextualizadores (assinatura, localização etc.) e perspectivados (título, início, autor etc.);
2. fatores de conexão sequencial (coesão): repetidores, substituidores, sequenciadores e moduladores;
3. fatores de conexão conceitual-cognitiva (coerência): relações lógicas e modelos cognitivos globais;
4. fatores de conexão de ações (pragmática): intencionalidade, informatividade, situacionalidade, aceitabilidade e intertextualidade.⁴

Leitura indispensável a todos os que se iniciam na área, visa, sobretudo, “ao enfoque do aproveitamento da Linguística Textual em função do ensino da língua na perspectiva textual”.

Linguística textual – introdução: Leonor Lopes Fávero e Ingedore Villaça Koch

Em 1982, convidei a profa. Ingedore Villaça Koch para escrevermos sobre a Linguística Textual, resultando nesse livro publicado no ano seguinte (atualmente na 10ª edição) e lançado no IV Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa na PUC/SP, o mesmo em que Marcuschi apresentou seu trabalho, aqui referido. O objetivo da obra era apresentar ao leitor brasileiro uma visão da Linguística Textual, então um recente ramo da Ciência da Linguagem.

Apresenta as diferentes abordagens teóricas e a não unanimidade entre os estudiosos na conceituação do termo texto, afirmando que o termo pode ser tomado em duas acepções:

Texto em *sentido amplo* designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema, etc.), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o *discurso*, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação. (p. 25)

³ Dadas as limitações de um trabalho desta natureza, apresento somente um esquema da proposta. Para maiores informações, consulte-se a obra.

⁴ Marcuschi avisa que não vai tratar dos fatores desse grupo, posteriormente estudados em diferentes publicações por L. L. Fávero (1985 a e 1985 b) e Ingedore V. Koch (1985 e 1986).

O texto é, assim, manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido estrito).

Indica os precursores, *lato* e *stricto sensu*, indicando três linhas de pensamento que podem ser consideradas como precursoras: a retórica, a estilística e o formalismo russo:

Em seus primórdios, a Retórica é, acima de tudo, uma técnica que deve permitir, a quem a possua, atingir, dentro de uma situação discursiva, o objetivo desejado; ela tem, portanto, um caráter pragmático: convencer o interlocutor da justeza de sua causa. (TODOROV, 1971, p. 81)

Explica, também, como as cinco partes da *techne rhetorike* da Antiguidade Clássica (*inventio, dispositio, elocutio, actio e memória*) vieram a sofrer modificações no correr dos tempos e sua preocupação inicial – “descobrir especulativamente o que, em cada caso, pode ser apropriado à persuasão” – passou ao estudo das figuras, restando apenas a *elocutio*. A partir do início do século passado, começa a receber atenções que se concretizam com o trabalho de Perelman, *Traité de l'Argumentation – La nouvelle Rhétorique* (1958). Das cinco partes da Antiga Retórica, duas têm influência na Linguística Textual: a *dispositio* (ordenação do pensamento) e a *elocutio* (formulação linguística).

Pode-se afirmar que a importância da retórica se torna, atualmente, visível em dois aspectos: na definição precisa de operações lingüísticas subjacentes à produção do texto (microestrutura) e na localização do texto no processo global de comunicação (microestrutura). (p. 29)

Quanto aos precursores *stricto sensu*, a obra menciona representantes da Linguística Estrutural que refletiram sobre o texto e estendem-se além dos limites do enunciado, como Hjelmslev, Harris, Pike, Jakobson, Benveniste e Pêcheux, além de linguistas da Escola Funcionalista de Praga (entre os quais, Jakobson e Danes) e os gerativistas americanos (Chomsky, Katz e Fodor) que, se inicialmente, haviam negado o estudo do texto, passaram a se preocupar, mais tarde, com fenômenos que ultrapassam os limites do enunciado, como a pressuposição e a referência.

O terceiro e último capítulo faz uma resenha informativa de autores, quer estruturalistas, quer gerativistas que se preocuparam com as propriedades específicas dos textos (Halliday, Ducrot, Weinrich), ou com a construção de modelos de gramáticas textuais (Isenberg, Dressler, Petofi e van Dijk).

Para Halliday & Hasan (1973), autores que muito influenciaram pesquisadores nessa primeira fase da Linguística Textual no Brasil, o texto é uma “realização verbal entendida

como uma organização de sentido que, tem o valor de uma mensagem completa e válida num contexto dado O texto é unidade de língua em uso, unidade semântica, [...] não de forma e sim de significado”.

É preciso ressaltar o caráter pioneiro da obra e a necessidade que havia de se ocupar um espaço destinado aos estudos do texto. Não foi feita uma resenha crítica das obras, nem se discutiu o que faz de um texto um texto, porque o objetivo era o de dar aos leitores uma visão do que se vinha fazendo na área, sem, como já disse, pretender chegar à exaustão.

O livro constitui um instrumento importante para todos aqueles que se interessam por essa área, especialmente, alunos e professores de graduação e pós-graduação.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi o de apresentar um panorama dos primeiros momentos da Linguística Textual na Europa e nos Estados Unidos e os três primeiros trabalhos na área, publicados no Brasil. Essas obras, resultado de cuidadosas pesquisas, visam a pôr em evidência os inúmeros problemas provenientes do estudo da conceituação de texto, suas propriedades, os momentos fundamentais da passagem da teoria da frase à teoria do texto, as causas do surgimento desta última e a descrição de alguns modelos já propostos.

Como se pode observar, fato já apontado por Marcuschi (1983), não houve um desenvolvimento homogêneo e “seu surgimento deu-se de forma independente em vários países da Europa continental simultaneamente com propostas teóricas diversas”.

Hoje, têm importância especial as questões de ordem sociocognitiva – conhecimento prévio (a partir dos trabalhos de Heinemann e Viehweger - 1991), referenciação, inferenciação e, em especial, o estudo dos gêneros textuais, da oralidade e sua relação com a escrita, ganhando importância não só estudos sobre a correção, repetição, paráfrase, hesitação, truncamentos, mas também, sobre princípios que regem a dinâmica interacional como a cortesia e a interação.

No Brasil, hoje, os pesquisadores estão menos presos aos modelos europeus, embora as grandes tendências, aqui já apontadas, continuem as mesmas, assumindo que os fatores interacionais são inerentes à expressão linguística. Inúmeros grupos vêm desenvolvendo projetos coletivos de pesquisa; resalto, os relativos aos estudos da língua falada, como o Projeto da Norma Urbana Culta (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), o Projeto Censo da Variação Linguística (Rio de Janeiro) e o Projeto de Gramática do Português Falado, cujo último volume, coordenado por Clélia S. Jubran, foi publicado em 2015.

Referências

ADAMZIK, Kirsten. **Textlinguistic**. Tübingen: Niemeyer, 2004

AUROUX, Sylvain. **Histoire des idées linguistiques**. Paris: Pierre Mardaga éditeur, 1989. Tomo 1.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang. **Einführung in die Textlinguistic**. Tubingen: Max Niemeyer, 1981.

BLÜHDORN, Hardarik; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira. Tendências recentes da linguística textual na Alemanha e no Brasil. **Linguística e Filologia Portuguesa**, v. 7, p.13-47, 1997.

BRAUDEL, Ferdinand. **Gramática das civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONTE, Maria Elisabeth. **La lingüística textuale**. Milano: Feltrinelli, 1977.

COSÉRIU, Eugênio. **Romanistisches Jahrbuch**, no.7, p.29-54, 1955

DELESALLE, Simone; CHEVALIER, Jean Claude. **La linguistique, la grammaire et l'école (1750-1914)**. Paris: Armand Colin, 1986.

DRESSLER, Wolfgang. Einführung in die Textlinguistic. Tubingen: Neimeyer, 1972. Trad. ital. **Introduzione alla Lingüística del Texto**. Roma: Officina, 1974.

_____; SCHMIDT, Siegfried Johannes. **Textlinguistik**: Kommentierte Bibliographie. Munchen, Wilhem Fink, 1973.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCK, Ingedore Villaça. **Linguística Textual** - Introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. London, Lomgmann, 1976.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Lingüística de Texto** – o que é e como se faz. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (Série Debates 1).

NEIS, Ignácio Antônio. Por uma Gramática Textual. **Letras de Hoje**, n. 44, PUC/RS, 1981.

SCHMIDT, Siegfried Johannes. **Linguística e teoria do texto**. São Paulo: Pioneira, 1978.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Some Aspects of Text Grammar**. Paris, The Hague, Mouton, 1972.

WEINRICH, Harald. **Sprache in Textes**. Stuttgart, Klett, 1976.

WHITE, Hyden. **Meta-História**: a imaginação histórica do século XIX. Tradução de José Laurênio Melo São Paulo: EDUSP, 1995.

Recebido em: agosto de 2019.

Aprovado em: setembro de 2019.